

# A PSICODINÂMICA DO TRABALHO: PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES AO SEU DELINEAMENTO

*Ana Carolina Secco de Andrade Mélo*<sup>1</sup>

*Paulo de Tarso Ribeiro de Oliveira*<sup>2</sup>

*Anaclan Pereira Lopes da Silva*<sup>3</sup>

*Márcia Roberta de Oliveira Cardoso*<sup>4</sup>

## RESUMO

*São vários os campos de saber que se debruçam sobre o estudo da categoria trabalho e suas repercussões na vida humana. A Psicodinâmica do Trabalho, pertencente ao âmbito das clínicas do trabalho, é uma das disciplinas que se dedica a esse estudo, mais especificamente à análise da relação entre trabalho e prazer/sofrimento psíquico. O presente estudo objetiva evidenciar as principais contribuições que influenciaram no delineamento da Psicodinâmica do Trabalho. Realizou-se um levantamento bibliográfico em forma de revisão narrativa, compreendendo a produção de artigos científicos, livros e capítulos de livros que apresentassem conteúdo pertinente ao tema. A produção selecionada abrangeu o período de 1990 até o atual. Conforme o encontrado, criou-se os seguintes tópicos: O SURGIMENTO DA PSICOLOGIA DO TRABALHO NA FRANÇA; A ERGONOMIA SITUADA; A IMPORTÂNCIA DA PSIQUIATRIA E DA PSICOPATOLOGIA DO TRABALHO; ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE; A RELEVÂNCIA DO MODELO OPERÁRIO ITALIANO; AS INFLUÊNCIAS DA SOCIOLOGIA DE MARX*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Psicodinâmica do Trabalho; Prazer; Sofrimento psíquico; Psicopatologia do Trabalho; Psicanálise; Marxismo; Modelo Operário Italiano.*

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>2</sup> Psicólogo. Doutor em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP-Fiocruz). Professor Associado da Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>3</sup> Psicóloga. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

<sup>4</sup> Psicóloga. Doutoranda em Psicologia pelo programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA).

## **PSYCHODINAMIC OF WORK: THE MAIN CONTRIBUTIONS TO IT'S DELINEATION**

### **ABSTRACT**

*There are many knowledge fields within the study of the WORK category and its repercussions on human life. The Psychodynamic of Work, belongs to the scope of work clinics, which is one of the subjects dedicated to this study, more specifically to the analysis among work and pleasure/ psychic suffering. This paper has as objective to emphasize the main contributions that have influenced in the delineation of Psychodynamic of Work. It was developed a bibliographic search as a narrative review method involving the production of scientific articles, books and books' chapters with relevant contributions to the subject. The selected production involved the period from 1990 to the current days. The results made us to propose the following points: THE EMERGENCE OF PSYCHOLOGY OF WORK IN FRANCE; THE ERGONOMY FOCUSED ON THE ACTIVITY; THE IMPORTANCE OF PSYCHIATRY AND PSYCHOPATOLGY OF WORK; SOME PSYCHOANALISYS' CONTRIBUTIONS; THE RELEVANCE OF ITALIAN LABOR MODEL; THE INFLUENCES OF MARX'S SOCIOLOGY.*

**KEYWORDS:** *Psychodynamic of Work; Pleasure; Psychic suffering; Psychology of Work; Psychoanalysis; Marxism; Italian Labor Model.*

## INTRODUÇÃO

O trabalho se faz presente desde os primórdios da humanidade, a exemplo das comunidades de caçadores e coletores dos 8.000 anos a.C, a agricultura do Oriente Médio, o trabalho escravo nas civilizações antigas, a relação servil da Idade Média até o surgimento do capitalismo, o qual consolidou profundas mudanças na sociedade e nas relações de trabalho, inaugurando uma nova forma de relação sócio-econômica (BORGES; YAMAMOTO, 2014).

Bendassolli (2009) aponta que desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e pelo Renascimento e chegando até a sociedade Industrial, foram cunhadas crenças sobre o valor do trabalho, culminando em uma centralidade social e psicológica deste a partir do século XIX. Explica, ainda, que por centralidade refere-se à importância que o trabalho assumiu na formação e descrição da identidade humana. Heloani e Lancman (2004) afirmam que o trabalho vai para além do simples ato de trabalhar ou de vender a sua força de trabalho para obter a remuneração necessária ao provimento material. Acreditam que ele assume um papel central na constituição da identidade individual e possui implicação direta nas diversas formas de inserção social dos indivíduos. Neste sentido, o trabalho pode ser visto como fundamental na constituição das redes sociais e de trocas afetivas e econômicas, base da vida cotidiana das pessoas.

Para Seligmann-Silva (2011) o estudo das repercussões do trabalho sobre a mente humana tem se desenvolvido em diferentes áreas do conhecimento, tanto por disciplinas que estudam a saúde humana, como a Medicina do Trabalho, Psicologia do Trabalho, a Psiquiatria e a Ergonomia, como também por disciplinas que se ocupam do trabalho humano sem que a saúde seja o foco, como a Filosofia e a Sociologia que estão situadas entre as Ciências Sociais. Constata-se, então, a evolução de uma análise focada na situação do trabalho até chegar ao campo da saúde mental do trabalhador e à dimensão psicoafetiva, de tal modo que a Psicodinâmica do Trabalho (PDT) faz parte deste *continuum*.

A Psicodinâmica do Trabalho é uma teoria criada nos anos de 1980, pelo francês Christophe Dejours, Doutor em Medicina, Especialista em Medicina do Trabalho, Psiquiatra e Psicanalista, que compõe o conjunto de teorias pertencentes às *clínicas do trabalho*, e tem como foco compreender a relação entre o trabalho, a subjetividade e intersubjetividade. Sobre as teorias clínicas do trabalho cabe destacar

que, embora tenham finalidades e alguns pressupostos comuns, há entre elas divergências epistemológicas e teórico-metodológicas. Significa dizer que estas teorias partem de conceitos específicos tanto de subjetividade, quanto de trabalho (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011).

A teoria de Dejours busca compreender os aspectos psíquicos e subjetivos que são mobilizados a partir do confronto do sujeito com a organização do trabalho, estudando os aspectos menos visíveis que são vivenciados pelos trabalhadores, como: mecanismos de cooperação, reconhecimento, sofrimento e estratégias defensivas, ideologias defensivas e as resistências que acontecem no trabalhar. Para tanto, utiliza-se de um método que liga a pesquisa à intervenção, pautado nos princípios da pesquisa-ação, já mencionado anteriormente como *clínica do trabalho*. Tal clínica busca desenvolver o campo da saúde mental e trabalho, a fim de compreender os processos psíquicos envolvidos (HELOANI; LANCMAN, 2004).

Em função disso, a Psicodinâmica do Trabalho negará a definição de saúde postulada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em que: “saúde, não é só a ausência de doenças, mas o completo bem-estar físico, psíquico e social”. Em que pese os avanços desse conceito para a época, a saúde não é um estado estático, é um campo de lutas. Logo, a saúde como um estado completo não existe, ela é um ideal, pois é algo desejável na medida em que se constitui como um ponto de referência e que tem um papel preponderante em nossas ações e condutas individuais. Neste sentido, Dejours (2007) afirma que, nem mesmo conquistamos a saúde. De maneira mais realista, pode-se falar que nos contentamos com um compromisso menos ambicioso que denominamos *normalidade*.

Desta forma, também é possível apontar a existência de fortes influências de Canguilhem (2006) e dos autores da luta antimanicomial e da antipsiquiatria, como Ronald Laing (1876; 1991) e David Cooper (1976), que desvelaram o campo da saúde, especialmente o da saúde mental, como a forma do sujeito enfrentar o sentimento de vida contrariada, significando a luta do sujeito contra o adoecimento, havendo um âmbito da normalidade que é flutuante. Aqui também há outro encontro profícuo de Dejours (2007; 2011) com o descrito brilhantemente por Freud (1901; 2006) em sua obra intitulada *Psicopatologia da Vida Cotidiana*.

Como podemos ver, a construção da Psicodinâmica do Trabalho enquanto disciplina recebeu influências de várias outras e de diversos campos de saber que elegeram o trabalho como categoria pertinente em suas análises, bem como houve

relevantes marcos históricos que a antecederam. Neste sentido, este artigo tem como objetivo apresentar as principais contribuições ao delineamento da Psicodinâmica do Trabalho, enquanto uma teoria que se insere no campo de estudo da saúde mental relacionada ao trabalho.

Para a elaboração deste artigo foi realizado um levantamento bibliográfico em forma de revisão narrativa sobre a produção clássica e atual de artigos científicos, livros e capítulos de livros que apresentassem contribuições pertinentes que antecederam e influenciaram no delineamento da Psicodinâmica do Trabalho.

De acordo com Rother (2007), os artigos de revisão narrativa são publicações amplas, apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o estado da arte de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Esse tipo de revisão não utiliza critérios explícitos e sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. Assim, este tipo de revisão não precisa esgotar as fontes de informações e não aplica estratégias de pesquisa sofisticadas e exaustivas. Ainda segundo a autora, a revisão narrativa se constitui, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revistas impressas e/ou eletrônicas e na interpretação e análise crítica pessoal do autor. Além disso, um artigo de revisão narrativa é constituído de: Introdução, Desenvolvimento (texto dividido em seções definidas pelo autor com títulos e subtítulos de acordo com as abordagens do assunto), Comentários e Referências.

Para o presente estudo, a pesquisa realizada possibilitou a seleção de produções considerando o período de 1990 até o ano atual. Incluiu busca em bases eletrônicas e em manual de citações e referências nas publicações inicialmente identificadas. As bases eletrônicas pesquisadas foram a do SCIELO (Scientific Electronic Library Online) e Google Acadêmico, além de algumas obras clássicas que abordaram os conceitos da Psicodinâmica do Trabalho.

Os critérios de inclusão para a seleção das publicações foram: livros, capítulos de livros e artigos científicos publicados em português e/ou francês que abordassem a temática proposta e respondessem ao objetivo do estudo. Como critérios de exclusão foram utilizados: referências que não possuíssem relação com o objetivo deste estudo e que estivessem publicadas em outras línguas que não as citadas nos critérios de inclusão. A amostra foi constituída por estudos que preencheram os critérios de inclusão, selecionados pela pertinência ao tema e análise crítica dos autores e não por métodos aleatórios. Foram considerados os estudos não experimentais, descritivos,

exploratórios e de abordagem qualitativa que tiveram como tema central antecedentes históricos relevantes e disciplinas que influenciaram no delineamento da Psicodinâmica do Trabalho.

Foram selecionadas 32 referências pertinentes ao objetivo deste estudo, dentre as quais vinte e oito de língua portuguesa e quatro de língua francesa. A partir da produção selecionada, foram criados os seguintes tópicos: O SURGIMENTO DA PSICOLOGIA DO TRABALHO NA FRANÇA; A ERGONOMIA SITUADA; A IMPORTÂNCIA DA PSIQUIATRIA E DA PSICOPATOLOGIA DO TRABALHO; ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE; A RELEVÂNCIA DO MODELO OPERÁRIO ITALIANO; AS INFLUÊNCIAS DA SOCIOLOGIA DE MARX.

Desta forma, a revisão narrativa realizada busca alcançar o objetivo proposto pelo presente artigo, uma vez que a literatura pesquisada e selecionada no período delimitado permitiu compreender os aportes significativos da trajetória de construção da Psicodinâmica do Trabalho, estabelecendo relações contextuais com um conjunto de outras variáveis, como por exemplo, o estudo da saúde mental relacionada ao trabalho, o que permitiu revelar os múltiplos enfoques e perspectivas pertinentes ao tema estudado.

### **O SURGIMENTO DA PSICOLOGIA DO TRABALHO NA FRANÇA**

Nos anos de 1910 surgia na França o que já se chamava de Psicologia do Trabalho e, dentre os vários psicólogos da época, Suzanne Picaud e Jean Maurice Lahy, destacaram-se pelo desenvolvimento da chamada psicotécnica do trabalho. Em um período marcado pela Revolução Industrial e as profundas transformações econômicas e sociais de então, estes psicólogos decidiram construir seus conhecimentos indo para dentro das indústrias. Deixaram os limites do laboratório e partiram ao campo para nele, e a partir dele, compreender o comportamento humano em situações de trabalho. Esta, certamente, foi a grande contribuição destes psicotécnicos para a Psicologia do Trabalho francófona: ir até o ambiente real do trabalho para analisar e compreender o comportamento humano. O método de análise era fundamentalmente a observação, sendo denominado por Suzanne Picaud como “Auto-observação confrontada à observação de outros”. Neste método, após ter sido ensinada pelas telefonistas, Suzanne assumia o lugar destas e pedia às trabalhadoras

que criticassem o trabalho que ela estava realizando. Era, portanto, uma forma de análise por meio da observação centrada no trabalho, que levava a entender quais eram as aptidões necessárias para executá-lo (CLOT, 2010).

Suzanne dedicou-se à compreensão do trabalho das operadoras telefonistas de forma mais ampla. Em 1949, quando dirigia os trabalhos científicos do Laboratório de Psicotécnica da SNCF<sup>5</sup>, realizou uma análise psicológica do trabalho de uma telefonista padrão e mostrou a necessidade que a trabalhadora tinha de superar as diversas dificuldades que se apresentavam durante sua atividade laboral. Foram identificadas quatorze dificuldades básicas relacionadas, por exemplo, às situações de problemas na interlocução, tanto por defeitos na fala da operadora quanto na de quem está sendo atendido, dificultando a comunicação e prejudicando o atendimento; às condições do ambiente de trabalho no que diz respeito ao barulho gerado pelos atendimentos simultâneos das várias telefonistas; à complexidade de executar todo gestual necessário para manipular o emaranhado de fios e conectá-los corretamente, atentar para as luzes do painel e manter a comunicação adequada; o desgaste psicológico proveniente da insatisfação dos interlocutores quanto ao tempo de atendimento; às dificuldades da bancada e do ritmo de trabalho (PACAUD, 1949).

Pacaud (1949) também considerou as funções sensoriais (audição e fala), funções psicomotoras e intelectuais (atenção, memória, lógica e inteligência) e o comportamento concernente ao trabalho de telefonista (educação, tom de voz adequado, fala correta), assim concluiu que o trabalho de telefonista na SNCF poderia parecer somente um conjunto de simples tarefas, mas a acumulação destas, aliada ao intenso ritmo, tornava o trabalho complexo e desgastante do ponto de vista mental e psicológico.

Como já assinalado, não se pode negar a relevância da psicotécnica para a Psicologia do Trabalho. Contudo, ao inventar a análise do trabalho e a identificação das aptidões para a realização deste, a psicotécnica acabou se transformando em um instrumento de seleção da mão-de-obra amplamente utilizado pelo taylorismo após a Segunda Guerra Mundial, pelo fato de sua análise do trabalho basear-se na lógica positivista e no trinômio saber-prever-agir. Ou seja, conhecer o trabalho para categorizar a atividade laboral, a fim de subsidiar os processos de contratação de pessoas (CLOT, 2010).

---

<sup>5</sup> SNCF – Société National des Chemins de Fer.

Cabe destacar que a Psicotécnica do Trabalho e a Psicodinâmica do Trabalho guardam entre si diferenças metodológicas basilares. Para citar algumas pode ser referido o fato de que, contrariamente à Psicotécnica, para Dejours a situação concreta de trabalho não é o foco do estudo, assim como não há interesse em fazer observações do sujeito no desempenho das suas atividades laborais. Todavia, a Psicologia do Trabalho praticada por Suzanne Picaud e Jean Maurice Lahy representa um marco no contexto do estudo da relação entre o trabalho e o sujeito, por isso ela não poderia deixar de ser mencionada como parte de um percurso que compreende as várias disciplinas que compuseram o caminho até a emergência da teoria de Dejours.

Posteriormente, no início dos anos de 1950, a Psicologia Cognitiva do Trabalho veio compor este cenário na busca da compreensão do comportamento humano relacionado ao trabalho e, como crítica à análise psicotécnica, afirma que as aptidões humanas necessárias para desenvolver um trabalho não se encontram estritamente no âmbito subjetivo, e sim, que estas são provenientes do contexto laboral. Propõe que são as dificuldades e os problemas impostos pela situação de trabalho que permitem aos sujeitos o desenvolvimento das aptidões. Considera, ainda, que não é possível prever o que alguém vai fazer no posto de trabalho, ou seja, não se pode prever como o sujeito vai trabalhar porque a situação laboral vai obrigar o desenvolvimento e a reinvenção de aptidões. A Psicologia Cognitiva do Trabalho, que tem como destaque os psicólogos franceses Faverge e Leplat, vem realizar a divisão conceitual entre *tarefa* e *atividade*, sendo a tarefa entendida como aquilo que se há de fazer. Contudo, entre o que se há de fazer e o que é realmente feito há muito a considerar. Por isso deve-se olhar para além da tarefa, deve-se considerar a atividade. Atividade é, portanto, conceituada como aquilo que realmente se faz para se chegar àquilo que se quer fazer (CLOT, 2010).

Esta importante distinção conceitual entre tarefa e atividade pode ser apontada como uma contribuição ao futuro delineamento da Psicodinâmica do Trabalho, uma vez que se aproxima ao que mais tarde Dejours (2004) falará sobre o trabalho, considerando-o como aquilo que implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: os gestos, o *saber-fazer*, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações.

## **A ERGONOMIA SITUADA**

A Ergonomia Francesa também contribuiu significativamente com o estudo sobre o trabalho de forma geral e com a Psicodinâmica do Trabalho, em particular, uma vez que seu enfoque marca justamente a ênfase na relação entre sujeito e ambiente de trabalho.

Quando se fala em Ergonomia, costuma-se fazer uma divisão epistemológica de duas perspectivas. A Ergonomia Anglo-Saxônica, que enfatiza a relação homem-máquina e busca a adequação física das pessoas aos postos de trabalho. Nesta, a partir do método experimental, são promovidas melhorias em algumas situações de trabalho, mas não incorpora em seu método científico as observações ou verbalizações dos/as trabalhadores/as, e nem o sentido subjetivo e as relações intersubjetivas que se estabelecem no interior do campo do trabalho, que são consideradas essenciais para desvelar o trabalhar dentro da teoria Psicodinâmica. A Ergonomia Anglo-Saxônica é citada apenas para fins de diferenciação conceitual, não sendo objetivo neste momento fornecer uma explicação mais profunda sobre a mesma. O foco aqui recai sobre a produção e relevância da Ergonomia Francesa, que tem como destaque as contribuições do médico Alain Wisner. Esta perspectiva privilegia a análise da atividade na situação real do trabalho, considerando a interação dinâmica entre sujeito e tarefa (WISNER, 1994).

Para a Ergonomia Francesa, também chamada de Ergonomia Situada, a atividade de trabalho foi colocada como uma questão fundamental. Assim, foi evidenciado que existia uma clara diferença entre como era pensado e definido o trabalho a ser executado pelos/as trabalhadores/as e como estes/as de fato o realizavam. Desta forma, constatou-se haver uma distinção entre o trabalho prescrito (regras) e o trabalho real (efetivo). Tal constatação foi possível uma vez que a Ergonomia Situada focou no que faziam os/as trabalhadores/as, e não no que deveria ser feito conforme o pré-estabelecido. Atividade, portanto, refere-se ao que cada sujeito utiliza de si para poder fazer seu trabalho (SZNELWAR, 2007). É justamente por se aproximar do trabalho nas situações reais que a Ergonomia Francesa afirma que o trabalho efetuado não ocorre exatamente da forma como é esperado, pois existem diversas fontes de variabilidade durante a realização da tarefa: variabilidades técnicas e variabilidades humanas subjetivas e intersubjetivas (WISNER, 1994).

Ficam evidentes as contribuições da Ergonomia Francesa para as posteriores formulações da teoria de Dejours, uma vez que os conceitos de *trabalho prescrito* e *trabalho real* serão retomados pela Psicodinâmica do Trabalho. Assim, o trabalho prescrito diz respeito às normas e a todos os procedimentos que regem a execução das atividades. Contudo, as situações cotidianas são atravessadas por imprevistos que podem impossibilitar a execução harmoniosa de tais prescrições, como por exemplo: problemas com ferramentas, pane de equipamentos, questões relativas aos/às próprios/as trabalhadores/as. Estes acontecimentos inesperados evidenciam uma discrepância entre trabalho que está prescrito e o real do trabalho, ou seja, tal como ele se apresenta. Trabalhar é, portanto, preencher esta lacuna entre o prescrito e o real, o que implica na mobilização da subjetividade do/a trabalhador/a, posto que ele/a precisará fazer acréscimos às prescrições para poder atingir os objetivos que lhe são designados, ou acrescentar algo em si mesmo para enfrentar o que não funciona quando ele segue e executa fielmente as prescrições (DEJOURS, 2004).

É justamente o preenchimento desta lacuna entre o prescrito e o real que aparece como a característica maior do “trabalhar”. Pois mesmo que o trabalho seja bem concebido, com procedimentos claros e rigorosos, será impossível alcançar a qualidade caso as prescrições sejam fielmente respeitadas, já que existem as pane de maquinário, as situações imprevistas com os clientes, os acontecimentos entre trabalhadores/as, com as chefias e assim por diante. Sempre haverá este hiato entre o trabalho que está prescrito e o trabalho efetivado, sendo neste ponto que cada trabalhador/a acrescenta algo seu para tornar o trabalho possível (DEJOURS, 2012b).

No tocante à Psicodinâmica do Trabalho e à Ergonomia Situada, embora haja aproximações conceituais entre estas duas disciplinas, elas se distinguirão no seguinte ponto: a Ergonomia Situada se propõe a transformar o trabalho com o envolvimento do/a trabalhador/a, mas não abrange a dimensão psíquica do sujeito. Já para a Psicodinâmica do Trabalho, a ação transformadora proposta se voltará para a reapropriação do sentido do trabalhar pelos/as trabalhadores/as, possibilitando uma transformação individual e do coletivo, incorporando o aspecto subjetivo e o sofrimento psíquico envolvido no trabalhar (SZNELWAR, 2007).

## **A IMPORTÂNCIA DA PSIQUIATRIA E DA PSICOPATOLOGIA DO TRABALHO**

A Psiquiatria e a Psicopatologia do Trabalho (PPT) também se destacam na construção do conhecimento sobre a relação entre trabalho e as suas repercussões na vida humana, com foco na saúde mental. A Psiquiatria, em seus princípios, pautava suas explicações sobre as doenças mentais através da teoria organicista defendida por Henri Ey. A organogênese baseava-se no determinismo individual e na predisposição orgânica à doença mental. Foi na virada do século XIX para o século XX que alguns autores desenharam os alicerces da Psicopatologia Geral, iniciando o movimento de pensar as patologias mentais para além da perspectiva organicista, incluindo o trabalho como fator que merecia atenção (SELIGMANN-SILVA, 2011).

No ano de 1946, na França, ocorreu um evento importante que promoveu uma rica discussão sobre as origens das doenças mentais. O Colóquio de Bonneval expôs os três posicionamentos que existiam acerca destas patologias: a organogênese, já citada acima, a psicogênese e a sociogênese. A tese da psicogênese, defendida por Jacques Lacan, partindo da psicanálise, abordava a causalidade psíquica e a primazia do desejo na aparição de uma descompensação, não havendo uma causalidade orgânica para a loucura. A tese da sociogênese, sustentada por Follin e Bonnafé, versava sobre a importância dos acontecimentos, dos encadeamentos das situações vividas e também sobre as características das relações sociais para a compreensão das causas das doenças mentais. Neste sentido, este debate contribuiu fortemente com a psiquiatria no que concerne às discussões sobre o papel do meio social como fator que favorece o surgimento de psicopatologias (DEJOURS; GERNET, 2012).

No ano de 1953, houve a criação da Liga Francesa de Higiene Mental pelo psiquiatra Paul Sivadon, com o objetivo de contribuir com a prevenção dos problemas mentais e também definir as condições do meio de trabalho que possibilitam a inserção e reinserção dos doentes mentais. Essas práticas se apoiam na concepção de adaptação ao mundo por intermédio do trabalho, ou seja, a adaptação social aparece como central no processo de cura do doente, no qual o trabalho assume a função de mediador (DEJOURS; GERNET, 2012).

A configuração da Psicopatologia do Trabalho como uma clínica que visa à compreensão dos distúrbios mentais relacionados ao contexto laboral encontra fundamentação na produção de psiquiatras como Paul Sivadon, Claude Veil, Luis Le Guillant. Os problemas de adaptação individual no trabalho serão o foco da discussão

feita por P. Sivadon. Suas análises destacam a fragilidade do trabalhador relacionada à vida laboral. Assim, sua análise da compreensão das “neuroses do trabalho” tem o sujeito como centro. O psiquiatra C. Veil ampliará esta análise ao considerar os aspectos singulares e psicológicos do sujeito, bem como as questões relativas à organização do trabalho (BENDASSOLLI; SOBOLL, 2011). Aponta também para as duas polaridades presentes no trabalho, sendo este ora punição, ora atividade criadora e sublimatória. Suas investigações não têm por objeto a patologia, mas as suas fronteiras. Ele não dará enfoque para o diagnóstico de neurose do trabalho, seu interesse está na experiência do sujeito e na elucidação de suas adaptações (LHUILIER, 2011)

Seligmann-Silva (2011) destaca que, no período de 1940 a 1960, o psiquiatra francês Louis Le Guillant realizou um percurso notável, caminhando da Ergoterapia<sup>6</sup> à Psicopatologia do Trabalho<sup>7</sup>. Suas observações sobre o papel do trabalho na reintegração social de pacientes psiquiátricos foram o ponto de partida para reflexões posteriores sobre o potencial patogênico do trabalho, já que o trabalho que reconstrói a vitalidade e os sentidos da vida social não é o mesmo que degrada a identidade e a saúde.

Inicialmente, as pesquisas em Psicopatologia do Trabalho tratavam de colocar em evidência uma clínica das afecções mentais que poderiam ser ocasionadas pelo trabalho. O corpo de conhecimento era caracterizado pelo domínio da patologia profissional somática resultante dos danos físico-químico-biológicos do posto de trabalho. Foi Le Guillant que colocou em evidência a questão da saúde mental nos estudos em Psicopatologia do Trabalho (DEJOURS; ABDOUCHELI, 1994).

Os psiquiatras Le Guillant e Tosquelles tiveram a experiência de dirigir hospitais psiquiátricos durante a guerra. Com a iminência dos bombardeios e a impossibilidade de manter os internados de forma segura, estes psiquiatras resolveram de forma radical permitir que os doentes mentais saíssem do hospital, como alternativa para sobreviverem. E foi na convivência com os dramas diários da vida normal, nas dificuldades coletivas vividas durante guerra e com o movimento de resistência francesa que estes doentes mentais conseguiram se reinventar e se reinserir na vida social. E mesmo após a guerra os psiquiatras julgaram que não seria válido

---

<sup>6</sup> Consiste na adoção do trabalho como prática terapêutica utilizada pela psiquiatria para promoção da saúde mental (CLOT, 2010).

<sup>7</sup> Refere-se à área da Psiquiatria que estuda a relação de causalidade entre o trabalho e as doenças mentais (DEJOURS, 1994).

reinterná-los. Posteriormente às suas experiências psiquiátricas na guerra, Le Guillant entra em contato com as situações de trabalho vividas nas grandes fábricas. O contexto da II Grande Guerra se caracterizou por um endurecimento das condições de trabalho do sistema taylorista e fez emergir na França uma psiquiatria social. Trabalhadores cansados e sem ter mais como suportar as condições impostas pelo taylorismo vão até Le Guillant solicitar suporte na crítica à condição de existência no trabalho (CLOT, 2010).

Ainda sobre este contexto vivido pelos operários na França, Dejours (1980) revela que de 1914 a 1968, o tema sobre as condições de trabalho se destacavam progressivamente nas reivindicações dos trabalhadores no tocante à saúde, sendo a luta pela sobrevivência representada pela luta pela saúde do corpo. A palavra de ordem era a melhoria das condições de trabalho através da segurança, da higiene e da prevenção de doenças.

Neste sentido, as produções de Le Guillant, contribuíram de maneira relevante para a melhor compreensão dos processos psíquicos relacionados ao trabalho. O estudo sobre as telefonistas da central parisiense e alguns mecanógrafos do posto dos correios, publicado 1956 sob o título *La Névrose des Téléphonistes*, evidenciou os danos causados à saúde devido à intensificação dos ritmos de trabalho e às rígidas formas de controle e avaliação. Neste estudo, Le Guillant descreveu tais prejuízos à saúde em quatro categorias e seus respectivos sintomas (LE GUILLANT et al., 1956):

1) Síndrome subjetiva comum da fadiga nervosa: durante o trabalho as telefonistas se referiam estar “*sur les nerfs*”, expressando um constante estado de tensão e nervosismo. Fora do trabalho relatavam a sensação de “cabeça vazia”, intolerância a manter uma conversa, perda do interesse pelas atividades domésticas, problemas de atenção e memória e redução de suas faculdades intelectuais. Referiram uma intoxicação pelas frases profissionais, quando usavam frases típicas do trabalho em outras situações;

2) Problemas de humor e caráter: exprimiram mudanças de caráter e humor. Antes se definiam calmas e passaram a se perceber irritadiças, nervosas e agressivas. Baixa tolerância à contrariedades, crises nervosas e de choro, assim como hipersensibilidade ao barulho. Apontaram períodos de depressão e humor triste, até ideias suicidas;

3) Problemas do sono: sonolência durante o dia e insônia noturna. Sono agitado e leve, com ocorrências de pesadelos;

4) Problemas somáticos: referindo-se à problemas digestivos, como anorexia, dores gástricas, vômitos e perda de peso. Angústias, palpitações, cefaleias, náuseas, vertigens e problemas relacionados ao ciclo menstrual.

Muitas trabalhadoras utilizaram a frase “*je ne sais plus vivre*” para expressar um desgosto generalizado e dizer que suas vidas acabavam por se resumir às atividades de trabalho com quase nenhuma vida social (LE GUILLANT et al., 1956).

Em 1963, Le Guillant publicou uma pesquisa que investigava o adoecimento das empregadas domésticas e que também forneceu importantes contribuições. Primeiramente porque apontou um elevado percentual de empregadas domésticas entre as pacientes psiquiátricas. E também porque ao fazer vários estudos de caso, ele evidenciou a emergência e intensificação do *ressentimento* e seu papel no processo psicopatogênico. As fontes desse ressentimento são muitas, mas destacam-se como origem as humilhações sofridas e a falta de reconhecimento da dedicação ao trabalho. Estes dois estudos fizeram Le Guillant ser reconhecido como o criador da Psicopatologia do Trabalho. Dessa forma, o autor instaurou pilares importantes para o estudo crítico sobre o papel da *organização do trabalho* na constituição dos constrangimentos (pressões ou imposições) capazes de desorganizar o equilíbrio psicofisiológico e/ou mental. (SELIGMANN-SILVA, 2011).

Vale ressaltar que este conceito de *organização do trabalho* assumirá central relevância dentro da teoria de Christophe Dejours, sendo a organização do trabalho compreendida como a divisão das atividades, o conteúdo da tarefa, os procedimentos e ritmo de trabalho - divisão técnica do trabalho -, o sistema de hierarquia que norteia a relação humana com os pares, com os subordinados e com a chefia, bem como as questões de comando e de poder envolvidas - divisão social do trabalho (DEJOURS, 2009a).

Até então estava posto que as diversas dificuldades contidas nas situações de trabalho poderiam provocar distúrbios psicopatológicos. Assim, as pesquisas sobre as causas de tais psicopatogênias apontavam para o trabalho como um mal socialmente engendrado e nocivo à saúde mental dos trabalhadores, tratando a questão do sofrimento com foco no adoecimento. Christophe Dejours vai se afastar notadamente deste modelo psicopatológico causal ao observar que os homens e mulheres não são passivos mediante as dificuldades vivenciadas no trabalho, pois são capazes de se proteger de seus efeitos nocivos. Há, portanto, uma dinâmica envolvida. Apesar da

vasta contribuição ao campo de estudo de Dejours, nota-se que a Psicodinâmica do Trabalho tem sua origem através de uma dissidência epistemológica em relação à Psicopatologia do Trabalho.

Convém observar que, desde essa primeira fase da pesquisa sobre o desenvolvimento da psicopatologia do trabalho, preferi não mais focalizar as doenças mentais, voltando atenção para o sofrimento e as defesas contra o sofrimento, portanto, *além da doença mental descompensada* (DEJOURS, 2011, p. 62).

Assim, não se trata mais de pesquisar e observar as doenças mentais do trabalho, mas de considerar que, no geral, os trabalhadores e trabalhadoras não sucumbem à doença mental, então será necessário, considerar a *normalidade* como enigma (DEJOURS; ABDOUCHELI, 1994). Desta forma, o conceito de *sofrimento* aparece como um dos pilares do pensamento de Dejours, sendo definido como um estado de luta do sujeito contra as forças que estão empurrando-o em direção à loucura. O sofrimento diz respeito à vivência subjetiva intermediária entre a doença mental descompensada e o bem-estar psíquico. Resultado da ação coercitiva do trabalho, o sofrimento não deve ser considerado como uma consequência infeliz, uma vez que pode ser o ponto de partida. Trabalhar pressupõe poder tolerar o sofrimento, sendo este a via para superar o obstáculo que se apresenta. É desta capacidade do sujeito de tolerar o sofrimento que advém a possibilidade de encontrar soluções (DEJOURS, 2007).

#### ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

A Psicanálise de Sigmund Freud figura como importante alicerce para a construção do campo da saúde mental relacionada ao trabalho de forma geral e, certamente, para teoria construída por Christophe Dejours. Para citar as mais basilares contribuições, pode-se elucidar que os conceitos de sofrimento psíquico e prazer relacionado às atividades de trabalho presentes no pensamento de Dejours encontram respectivos pilares nos conceitos de angústia e desejo discutidos pela Psicanálise. Os mecanismos psicológicos de defesa também compõem outro aporte fornecido à Psicodinâmica do Trabalho (SELIGMANN-SILVA, 2011). O próprio termo análise psicodinâmica pertence à teoria psicanalítica e refere-se ao estudo dos movimentos dos afetos gerados pela evolução dos conflitos intersubjetivos e intrasubjetivos.

Em *O Mal Estar na Cultura* (1930; 2010) Freud elucida que contra os temores do mundo externo, a única maneira que o sujeito tem de defender-se por si mesmo consiste em uma espécie de afastamento. E acrescenta que as formas mais interessantes para evitar o sofrimento são aquelas nas quais o sujeito age sobre seu próprio organismo, posto que o sofrimento só existe à medida que é percebido. O conceito de *mecanismos de defesa*, que Freud elucidou como integrantes de uma dinâmica psíquica, subsidiou a compreensão da Psicodinâmica do Trabalho sobre como os sujeitos resistem<sup>8</sup> às pressões e ataques à vida psíquica provenientes da relação com o trabalho.

Portanto, a partir de conceitos da psicanálise, Dejours se propõe a entender os processos subjetivos e intersubjetivos que se desenvolvem nos locais e em situações ligadas ao trabalho (DEJOURS; ABDOUCHELI, 1994). Apoiando-se no pensamento de Freud, é cunhado na teoria dejouriana o conceito de *estratégias de defesa*, definidas como os meios e regras criadas pelos/as trabalhadores/as para se proteger das ameaças contra a sua saúde mental, provenientes da relação com o trabalho. Estas regras são engenhosas, sutis e diversas, cujo objetivo é fazer o/a trabalhador/a suportar o sofrimento sem adoecer, minimizando sua percepção desta vivência do sofrer. São regras de conduta criadas e utilizadas coletivamente, e que podem variar de acordo com as situações de trabalho. A construção de tais regras se dá através de um consenso do grupo de trabalhadores/as e a manutenção delas por todos do grupo é o que garante que não haja uma ruptura no equilíbrio conseguido nas defesas contra a precarização do trabalho (DEJOURS, 2012b).

Seligmann-Silva (2011) em seu livro *Trabalho e Desgaste Mental: O Direito de Ser Dono de Si*, cita um estudo que realizou com funcionários de uma indústria no ano de 1980, no qual os trabalhadores, mesmo submetidos a situações que representavam algum risco à integridade física ou mesmo risco à vida, não manifestavam ansiedade ou medo frente a estas situações de trabalho. A autora verificou que embora o medo existisse, este era ocultado da consciência dos trabalhadores através de mecanismos psicológicos de defesa. Tais mecanismos lhes permitiam a convivência cotidiana com o perigo. Dejours (2012b) esclarece que o medo do acidente, da doença que pode ser causada pelo trabalho, do receio de não

---

<sup>8</sup> É válido chamar atenção para o fato de que em Psicodinâmica do Trabalho o termo “resistência” possui conceituação distinta da utilizada por Freud na teoria psicanalítica. Para a PDT, resistência refere-se ao enfrentamento das situações ou condições determinantes do sofrimento (Seligmann-Silva, 2011).

corresponder às exigências profissionais, do trabalho repetitivo, todos esses fatores podem ser fonte de conflitos no âmbito da subjetividade e da intersubjetividade e vão demandar a construção de *mecanismos individuais de defesa e estratégias coletivas de defesa*.

Ao falar sobre o prazer no trabalho através da transformação e ressignificação de vivências de sofrimento em vivências de prazer pelo trabalhador, Dejours apoia-se na definição psicanalítica de *sublimação*, outro mecanismo psicológico de defesa proveniente da Psicanálise.

Outra técnica de defesa contra o sofrimento serve-se dos deslocamentos libidinais permitidos pelo nosso aparelho psíquico, por meio dos quais sua função tanto ganha em flexibilidade. A tarefa a ser resolvida consiste em deslocar de tal modo as metas dos impulsos que elas não possam ser atingidas pela frustração do mundo exterior (FREUD, 2010/1930, pp. 68-69).

Assim, o trabalho que permite a sublimação é fonte de prazer, favorece a saúde mental e reafirma a identidade do sujeito, à medida que este pode realizar-se e se reconhecer na sua atividade laboral, usando sua criatividade e empregando algo de si através do uso de seu aparelho psíquico. O contrário ocorre quando o trabalho engessa a utilização de um modo operatório próprio do sujeito, com uma organização que restringe a sua liberdade e bloqueia as possibilidades de sublimação, podendo ser causa de sofrimento psíquico (SELIGMANN-SILVA, 2011).

Mendes (2007) destaca que um dos sentidos do trabalho é o prazer, o qual emerge quando este permite a criação de uma identidade, quando possibilita a aprendizagem de um saber específico, quando permite criar e desenvolver novas formas de execução da tarefa. O trabalho que gera vivências de prazer é aquele que reúne condições para que os trabalhadores interajam entre si, onde haja socialização e transformação.

É também por incorporar fortemente os preceitos da teoria psicanalítica, que a Psicodinâmica do Trabalho tem como foco a análise da relação subjetiva estabelecida entre a pessoa a sua atividade laboral. E para tal análise, elegeu a escuta dos/as trabalhadores/as. Assim, a escuta na Clínica Psicodinâmica do Trabalho configura-se como um espaço que permite a discussão da organização do trabalho e também a elaboração do tema, envolvendo simultaneamente o pensar e o falar. Pois, ao falar de si, o sujeito toma consciência de seu comportamento e contribui para a mudança de sua percepção sobre si e de suas vivências. (MENDES, 2007). E uma vez interessada

nas vivências do trabalho, que são da ordem do singular, do subjetivo, elege a palavra dos trabalhadores e trabalhadoras como via de acesso a estas vivências foi a grande herança dada pela Psicanálise de Freud à teoria de Dejours.

### **A RELEVÂNCIA DO MODELO OPERÁRIO ITALIANO**

Sobre os antecedentes à Psicodinâmica do Trabalho é importante destacar o Modelo Operário Italiano (MOI) dos anos de 1960 e suas contribuições para relevância do lugar ocupado pelos/as trabalhadores/as nas conquistas relacionadas ao campo da saúde do trabalhador, no qual se destaca Ivar Oddone. Este modelo operário teve por princípio transformar as condições de trabalho, visando o bem-estar e a proteção da saúde dos trabalhadores.

O MOI colocou os/as trabalhadores/as como protagonistas na construção do conhecimento sobre as situações de trabalho, pois, não aceitou uma intervenção somente dos profissionais considerados como especialistas na análise do trabalho. Assim, legou aos/as trabalhadores/as o lugar de produtores/as de conhecimento e agentes de transformação, pautando-se na *valorização da experiência subjetiva dos trabalhadores* e no conhecimento detalhado destes sobre o processo de trabalho, e também na *não delegação da produção do conhecimento* (FACCHINI; WEIDERPASS; TOMASI, 1991). Com isso, proporcionou uma quebra de paradigma no tocante às intervenções relacionadas ao campo de saúde dos/as trabalhadores/as praticadas na época, pois evidenciou a capacidade dos/as trabalhadores/as de se organizar e se mobilizar para criar estratégias próprias para transformar as situações de trabalho, a fim de favorecer a saúde e se prevenir dos riscos e das condições nocivas no ambiente laboral. Como exemplo, pode-se citar uma ferramenta bastante conhecida e fruto deste modelo operário: o Mapa de Riscos, até hoje amplamente usado nas indústrias e fábricas (MUNIZ; BRITO; SOUZA; ATHAYDE; LACOMBLEZ, 2013).

Desta forma, o MOI é aqui citado não como uma contribuição direta ao pensamento de Dejours, mas como importante marco histórico no contexto da produção de conhecimento e compreensão da relação dos sujeitos com o seu trabalho. Portanto, assim como o MOI implicou no protagonismo dos/as trabalhadores/as, posteriormente, Dejours (2009b) também atribuirá a estes/as o poder de transformar a organização do trabalho, usando mais especificamente o termo emancipação.

Esta emancipação pode ser facilitada com a escuta qualificada da fala dos trabalhadores e trabalhadoras, permitindo a conscientização sobre situações vividas em suas atividades laborais e as relações subjetivas e intersubjetivas, sendo fundamental para proporcionar a oportunidade de suspender as defesas, a partilha do conhecimento real do trabalho, bem como a reorganização do mesmo. (MORAES, 2015)

Mediante o exposto, sobre as pesquisas realizadas no campo da saúde mental do trabalhador pautadas pela metodologia da Clínica Psicodinâmica do Trabalho, Rosângela Dutra de Moraes (2015) destaca que:

A postura do pesquisador-clínico valoriza o saber como experiência dos trabalhadores; essa postura se contrapõe à tradição taylorista, que divide o mundo do trabalho entre os que pensam e os que executam (...). A clínica subverte a perspectiva autoritária e escuta os trabalhadores, que são os detentores do saber-fazer. Por essa razão, deles virão as melhores soluções para aperfeiçoar a organização do trabalho (MORAES, 2015, p. 65)

Desta forma, a Psicodinâmica do Trabalho reconhece a capacidade de mobilização coletiva dos sujeitos ao falar das estratégias coletivas contra o sofrimento psíquico relacionado ao trabalho, como já explicitado anteriormente. E por considerar o trabalho também como uma experiência social, Dejours assinala que os/as trabalhadores/as firmam acordos entre si através da construção de regras destinadas tanto para a manutenção da qualidade do trabalho, quanto para o objetivo social (regras de convivência), o que foi elucidado sob o conceito de *coletivos de trabalho*. Sublinha, ainda, que os/as trabalhadores/as podem e devem questionar as formas de organização do trabalho e acrescenta que estas são fruto de nossas construções e somente existem e se sustentam com a devida validação e vontade coletiva (DEJOURS, 2012b).

## **AS INFLUÊNCIAS DA SOCIOLOGIA DE MARX**

A categoria trabalho está no cerne da discussão conduzida por variadas disciplinas. Dentre elas a Sociologia que se interessa pelo trabalho como fator central na análise da organização das nossas relações sociais e econômicas. E quanto mais se fala sobre o trabalho, percebe-se que mais há a ser elucidado, porque as necessidades de reflexão e análise do contexto laboral se revestem de novas temáticas, seja na área da economia, das ciências sociais ou da saúde. No campo da Sociologia é

indispensável dar visibilidade às influências de Karl Marx a respeito de tudo que já foi amplamente abordado sobre a categoria trabalho, pois seu pensamento forjou conceitos que influenciaram e influenciam amplamente muitas outras disciplinas, dentre elas a Psicodinâmica do Trabalho.

Marx (1867; 1996) afirma que o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o ser humano e a natureza, no qual ele usa sua própria força para mediar e regular seu metabolismo com ela, colocando em movimento as forças de seu corpo através de braços, pernas, mãos e cabeça para apropriar-se da matéria natural e transformá-la em algo útil para si. Assim, através do seu trabalho, ao modificar a natureza externa, modifica a sua própria natureza.

Para Marx o trabalho é uma categoria ontológico-fundante da sociedade humana, pois, para existir, o ser humano necessita produzir para subsidiar a sua reprodução e continuidade. O trabalho, na forma que o conhecemos, coloca a espécie humana em outro patamar de existência diferente das demais espécies e aparece como uma categoria social. Logo, a vida social não pode prescindir do trabalho (LESSA, 1997).

Esta caracterização do trabalho apontada por Marx enquanto mediador do sujeito com o mundo e também da relação com os demais sujeitos, está presente na Psicodinâmica do Trabalho, bem como o caráter transformador inerente à atividade laboral. Dejours (2004) retoma a ideia de que o trabalho para o sujeito é uma importante via de transformação de si, e mesmo, de realização de si. Neste sentido, ganha enfoque a repercussão que o trabalho exerce na subjetividade. Assim, a teoria dejouriana se interessará pela dimensão sócio-psíquica do trabalho e como este se relaciona com a saúde mental.

A psicodinâmica do trabalho defende a hipótese segundo a qual o trabalho não é redutível a uma atividade de produção no mundo objetivo. O trabalho sempre coloca à prova a subjetividade, da qual esta última sai acrescentada, enaltecida, ou ao contrário, diminuída, mortificada. Trabalhar constitui, para a subjetividade, uma provação que a transforma. Trabalhar não é somente produzir; é, também, transformar a si mesmo e, no melhor dos casos, é uma ocasião oferecida à subjetividade para se testar, até mesmo para se realizar. (DEJOURS, 2004, p. 30).

É ao se apropriar da subjetividade que o trabalho se beneficia do talento do sujeito. E como em uma via de retorno, aquele que trabalha adquire novas habilidades e saberes, cresce, transforma-se. Pois, o trabalhar permite que sejam descobertas suas limitações e novas qualidades, o que torna o sujeito mais inteligente e maior depois do

trabalho (DEJOURS, 2012a). No entanto, Marx (1867; 1996), não descuidou das relações sociais de produção, que na nossa interpretação estão na base dos coletivos de regra e resistência e no foco das relações intersubjetivas, focos essenciais para as transformações no campo do trabalho e do corpo social.

Outro conceito relevante no pensamento de Marx é o de *trabalho vivo*, referido ao abordar o processo produtivo peculiar ao sistema capitalista. É o trabalho vivo que permite ao homem se apropriar de elementos da natureza e transformá-los, segundo a sua necessidade de utilização, conferindo-os valor de uso. O trabalho vivo é a expressão da subjetividade e onde há o emprego da inteligência e a possibilidade de expressão da personalidade do indivíduo (MARX, 1867/1996). Ainda sobre o conceito de trabalho vivo, Franco e Merhy (2013) acrescentam que é o trabalho imaterial, não tangível e singular, próprio de cada um, por isso nos dizem trabalho vivo em ato.

Dejours baseia-se na fecundidade do conceito de trabalho vivo ao explicar sobre o preenchimento da lacuna entre o trabalho prescrito e o trabalho real feito pelo sujeito no desempenho de suas atividades laborais, uma vez que tal preenchimento exige a mobilização da inteligência. Uma inteligência que Dejours define como inventiva e criativa, que é integrante do trabalho ordinário. Ora, trabalhar é exatamente o acréscimo que o sujeito deve dar de si ao trabalho prescrito, pois caso siga estritamente as normas, regras e procedimentos não alcançará o resultado desejado (DEJOURS, 2012a).

Contudo, embora dentro do pensamento marxista tenha sido conferido ao trabalho o caráter transformador do ser humano, é de fundamental importância reiterar que, diferentemente da Sociologia de Marx, a teoria de Dejours não analisa o trabalho como uma classe integrante de um contexto de lutas sociais e econômicas, uma vez que se ocupa da análise entre subjetividade e trabalho, com foco nas vivências de prazer e sofrimento psíquico relacionados ao contexto laboral, sendo o interesse central a dimensão sócio-psíquica do trabalho. Portanto, este se constitui como um dos pontos cruciais de divergência entre estas duas teorias.

Na tabela 01 será apresentado um resumo das principais disciplinas e antecedentes históricos, com seus respectivos conceitos e/ou contribuições à Psicodinâmica do Trabalho.

**TABELA 01 - PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES E ANTECEDENTES HISTÓRICOS PARA À PSICODINÂMICA DO TRABALHO**

<b>Disciplina/ Antecedente</b>	<b>Referência</b>	<b>Principais Conceitos e Contribuições</b>
Psicotécnica do Trabalho (1910)	Suzanne Pacaud e Jean Maurice Lahy	Início da Psicologia do Trabalho na França Subversão da lógica positivista: saído do laboratório e análise do trabalho executado dentro das indústrias e fábricas.
Psicologia Cognitiva do Trabalho (Pós II Guerra)	Feverge e Leplat	É necessário voltar-se às situações de trabalho, são elas que desenvolvem as aptidões nos sujeitos. Diferenciação entre “tarefa” e “atividade”.
Ergonomia Francesa ou Ergonomia Situada (1955)	Alan Wisner	Foco na saúde dos trabalhadores. O trabalho como lugar de engenhosidade e a visão positiva do trabalho humano. Diferenciação entre “Trabalho Prescrito” e “Trabalho Real”
Colóquio de Bonneval (1946)	Follin e Bonnafé	Sociogênese: O meio social como fator que favorece o surgimento de psicopatologias.
Liga Francesa de Higiene Mental (1953)	Paul Sivadon	Discussão sobre a prevenção dos problemas mentais. Discussão sobre a Ergoterapia no tratamento das doenças mentais.
Psicopatologia do Trabalho (Pós II Guerra)	Louis Le Guillant	“A Neurose das Telefonistas” Estudo sobre as empregadas domésticas Síndrome da Fadiga Nervosa / O papel do ressentimento no processo psicopatogênico.
Psicanálise	Sigmund Freud	A escuta clínica do sujeito Psicodinâmica dos afetos Mecanismos de Defesa
Modelo Operário Italiano – MOI (1960)	Ivar Oddone	Protagonismo dos trabalhadores. Não delegação da produção de conhecimento sobre saúde do trabalhador e prevenção de riscos. Valorização da experiência subjetiva do trabalhador
Sociologia	Karl Marx	Centralidade do trabalho Trabalho como mediador das relações sociais Trabalho relacionado transformação da natureza e do sujeito. Conceitos de Trabalho Vivo e Trabalho Morto

FONTE: ELABORADO PELOS AUTORES (2017)

## **CONCLUSÃO**

Este artigo apresentou a relevância de traçar o percurso da construção do foco de estudo e da teoria de Dejours, a fim de evidenciar a sua importância, bem como as contribuições que diversas outras disciplinas agregaram a esta teoria. O resgate de tal percurso nos permite melhor compreender como se formou o campo de estudo da Psicodinâmica do Trabalho e quais as suas diferenças metodológicas e conceituais em relação aos demais campos citados. O presente artigo mostra, ainda, que mesmo disciplinas que diferem acerca de alguns aspectos epistemológicos podem contribuir para a formação de outra disciplina, seja pela ampliação de um pensamento, seja pela crítica a este.

Assim, a Psicodinâmica do Trabalho pode ser definida como o estudo das relações dinâmicas entre a organização do trabalho e os processos de subjetivação, considerando como os trabalhadores e trabalhadoras mobilizam mecanismos individuais de defesa e também constroem estratégias coletivas de defesa, através dos coletivos de trabalho, para enfrentar as dificuldades geradoras de sofrimento e transformá-las em vivências de prazer no contexto laboral (DEJOURS, 2012b).

### **Sobre o artigo**

Recebido: 05/09/2017

Aceito: 08/11/2017

## REFERÊNCIAS

- BENDASSOLLI, Pedro F. **Psicologia e Trabalho** - apropriações e significados. Coleção debates em administração / coord: VASCONCELOS, I. F. G.; VASCONCELOS, F. C.; MASCARENHA, A. O. São Paulo: Cenage Learning, 2009.
- BENDASSOLLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011.
- BORGES, Livia de Oliveira; YAMAMOTO Oswaldo. O Mundo do Trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos In: ZANELLI, J. C.; BORGES-ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Orgs). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014, 25-72
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- CLOT, Yves. O Debate. In: **Revista de Psicologia**, v. 22 – n. 1, p. 207-234, Jan./Abr. 2010.
- DEJOURS, Christophe. **Travail :usure mentale**. Essai de psychopathologie du travail. Paris: Éditions du Centurion, 1980.
- DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET C. (orgs). **Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994, pp. 119-145.
- DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. In: **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34, set/dez. 2004.
- DEJOURS, Christophe. Psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade. In: MENDES, A. M.; LIMA, S. C. da C.; FACAS, E. P. (orgs), **Diálogos em Psicodinâmica do Trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2007, pp.13-25.
- DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 2009a.
- DEJOURS, Christophe. Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho? In: **Revista CULT**, São Paulo, v. 139, n. 12, p. 49-53, 2009b
- DEJOURS, Christophe. **Addendum: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I (Orgs.), Christophe Dejourn: Da Psicopatologia À Psicodinâmica do Trabalho. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011, pp. 56-123
- DEJOURS, Christophe; GERNET, Isabelle. **Psychopathologie du Travail**. Collection Les âges de la vie. Paris: Elsevier Masson, 2012.

DEJOURS, Christophe. **Trabalho vivo. Sexualidade e Trabalho**, tomo I. Brasília: Paralelo 15, 2012a

DEJOURS, Christophe. **Trabalho vivo. Trabalho e emancipação**, tomo II. Brasília: Paralelo 15, 2012b.

FACCHINI, L. A.; WEIDERPASS, E.; TOMASI, E. Modelo operário e percepção de riscos ocupacionais e ambientais: o uso exemplar de estudo descritivo. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.25, n.5, pp. 394-400, 1991.

FRANCO, Túlio Batista; MERHY, Emerson Elias. **Trabalho, produção do cuidado e subjetividade em saúde**. Textos reunidos. 1ª. ed São Paulo: Hucitec, 2013.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901) In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura** (1930). Porto Alegre: L&PM, 2010.

HELOANI, Roberto; LANCMAN, Selma. Psicodinâmica do Trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. **Revista Produção**, v.14, n.3, pp. 77-86. set/dez. 2004.

LAING, Ronald; COOPER, David. **Razão e Violência: Uma década da Filosofia de Sartre 1950- 1960**. Petrópolis: Vozes, 1976.

LAING, Ronald. **O eu dividido: estudo existencial da sanidade e da loucura**. Petrópolis: Vozes, 1991

LE GUILLANT, Louis.; ROELENIS; BEGOIN; BEQUART; HANSEN et LEBRETON. **La névrose des téléphonistes**. La presse médicale, v. 64, n.13, pp. 274-777, 1956.

LESSA, S. Centralidade do trabalho: qual centralidade? **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis (SC), n.15, v. 22, pp. 153-164, 1997

LHUILIER, D. Filiações Teóricas das Clínicas do Trabalho. In: Bendassolli, P. F., & Soboll, L. A. P. (Orgs). **Clínicas do trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade**. São Paulo: Atlas, 2011, pp. 22-58.

MARX, Karl. **O Capital** (Crítica da Economia Política) (1867). São Paulo: Editora Nova Cultural. Livro I, v. 1, 1996.

MENDES, Ana Magnólia. **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MORAES, Rosângela Dutra. (2015). Trabalho e Emancipação: um olhar da Psicodinâmica do Trabalho. In: Moraes, R. D, & Vaconcelos, A. C. L. (Org). **Trabalho e Emancipação: a potência da escuta clínica**. Curitiba: Juruá, 2015, pp. 61-69.

MUNIZ, H. P., BRITO, J.; SOUZA, K. R., ATHAYDE, M.; LACOMBLEZ, M.. Ivar Oddone e sua contribuição para o campo da Saúde do Trabalhador no Brasil. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 38, n. 128, pp. 280-291, 2013.

PACAUD, Suzanne. Recherches sur le travail des téléphonistes. Étude psychologique d'un métier. **Le Travail Humain**, v.12, n.1/2, pp. 46-65. Presses Universitaires de France, janvier-juin, 1949.

ROTHER, E.T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.20, n. 2. Escola Paulista de Enfermagem, 2007.